

## Literatura infantil portuguesa – de temas emergentes a temas consolidados

Ângela Balça  
Universidade de Évora

### Introdução

Com o final do regime de ditadura em Portugal, em 1974 e, conseqüentemente, com a abertura do país ao exterior e com a abolição da censura, que deu origem de alguma forma a uma certa abordagem mais livre dos problemas em geral, criaram-se outras condições, para que surgissem novos autores de literatura infantil bem como se desenvolvessem esforços, iniciados já anteriormente<sup>1</sup>, para que houvesse um novo olhar e um novo entendimento sobre as questões da leitura e da literatura infantil.

Assim, após 1974, muitos escritores continuaram a publicar a sua obra (citamos, entre outros, Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, Maria Alberta Menéres, António Torrado), mas muitos foram também os autores que iniciaram uma carreira na área da literatura infantil, surgindo simultaneamente estudos de carácter mais profundo sobre esta problemática.

Durante a década de 70, a Unesco proclamou o ano de 1974 como o Ano Internacional do Livro Infantil e o ano de 1979 como o Ano Internacional da Criança, fazendo com que as atenções se voltem para os temas da leitura, do livro, da literatura infantil e da criança.

Igualmente nesta década surgiram alguns prémios para a literatura infantil<sup>2</sup>, como o “Prémio O Ambiente na Literatura Infantil”, concedido pela Secretaria de Estado do Ambiente; o “Prémio de Literatura Infantil da Associação Portuguesa de Escritores”; o “Prémio Ano Internacional da Criança”, promovido pela Editorial Caminho; e o “Prémio de Teatro Infantil”, concedido pela Secretaria de Estado da Cultura.

As questões da leitura e da literatura infantil são encaradas com um novo olhar pelos responsáveis pela educação, uma vez que se introduziu, nas Escolas do Magistério Primário, o estudo da literatura para a infância e que a Direcção Geral do Ensino Básico organizou colóquios nesta área e procedeu à compra anual de livros infantis, que distribuía pelas escolas do ensino primário e pelas diversas bibliotecas escolares (Rocha, 2001:100).

Atento a esta nova conjuntura, o mercado editorial lançou novas colecções de literatura infantil, que divulgavam os textos de autores portugueses (idem, 101) algumas das quais ainda hoje são publicadas<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Nos anos de 1972 e 1973, o Ministério da Educação Nacional, através da Direcção Geral da Educação Permanente, já tinha promovido uma série de conferências sobre literatura infantil e juvenil.

<sup>2</sup> Na verdade, antes de 1974, existiam alguns prémios de literatura infanto-juvenil, mas claro em muito menor número. No entanto, estes prémios revelam que já existia na sociedade uma certa preocupação com as questões da leitura e da literatura infantil.

<sup>3</sup> Ainda hoje as Edições Asa publicam a colecção “Asa Juvenil”. Embora já descontinuadas, é possível encontrar ainda no mercado colecções dessa época como a colecção “Caracol”, da Plátano Editora ou as colecções “Pássaro Livre” e “Sete Estrelas”, da Livros Horizonte.

No início dos anos 80, surgem os Prémios de Literatura para Crianças e os Encontros de Literatura para Crianças da Fundação Calouste Gulbenkian, espaço vivo de discussão de grande prestígio sobre estas questões, que se manteve durante as décadas de 80, 90 e entrou pelo novo milénio dentro.

Novos temas surgiram na literatura infantil, ligados à realidade actual, só possíveis de serem abordados pelas diferentes condições políticas, sociais e culturais do país (idem, 99).

### **Desenvolvimento**

O surgimento de novos temas, emergentes nos anos 70, não são apenas uma tendência da literatura infantil portuguesa. Assim, em França, Jan (1985) afirma que a literatura infantil contemporânea deve informar e integrar, a vida de todos os dias deve estar presente nela e ler-se claramente. Em Espanha, Bravo-Villasante (1989) considera como novíssimas correntes temáticas, na literatura infantil, a ecologia, o problema da discriminação, a droga, os problemas sociais e políticos, a sexualidade, e os conflitos entre gerações.

Deste modo, neste artigo pretendemos demonstrar que estes temas emergentes na literatura infantil portuguesa, nos anos 70/80, são na actualidade temas consolidados, que se afirmaram e atravessaram os últimos 30 anos, com uma presença constante nos textos literários para os mais novos.

Temas relacionados com as questões ambientais, as questões multiculturais e as questões políticas<sup>4</sup> eram temas emergentes nos anos 70/80 e são hoje temas consolidados, no panorama da literatura infantil portuguesa. Muitas destas questões estão relacionadas com grandes preocupações que afectam a sociedade contemporânea e são decorrentes da consciencialização, por parte da mesma, de problemas presentes no seu seio, gerados muitas vezes por um *modus vivendi* que a caracteriza.

A presença destes temas na literatura infantil assume uma importância fundamental, para a sociedade em geral e para a educação das crianças em particular. Partilhamos a opinião de Zilberman (1987), quando afirma que a obra de ficção tem uma natureza formativa, está votada à formação do indivíduo ao qual se dirige. Os textos de literatura infantil não são inocentes, e para além de encerrarem em si mesmos valores literários e valores estéticos, estão igualmente impregnados de valores sociais e de valores éticos. A literatura infantil é assim não só um veículo de convenções literárias, mas também de paradigmas e de comportamentos vigentes e considerados adequados pela sociedade em geral.

Não podemos deixar de salientar que, apesar dos textos de literatura infantil serem portadores de um potencial formativo, eles não podem nem devem ser objecto de uma instrumentalização ou de uma didactização.

Os textos de literatura infantil são por si só capazes de potenciar uma relação de emoção, entre o texto e a criança leitora, ou como afirmam Yubero et al. (2007: 10) «(...) capaz de hacernos reflexionar únicamente por la fuerza del relato, permitiéndonos analizar y valorar las situaciones que nos muestran». Muitas vezes, esta análise e valorização das situações presentes nos textos, elaboradas pela criança leitora, fazem emergir, simultaneamente, os valores sociais e os valores éticos que os textos transportam.

---

<sup>4</sup> Muitos são os temas na literatura infantil portuguesa (Cf. Balça, 2004), embora neste texto nos debruçemos apenas sobre estes.

Assim, de acordo com Senís (2004:49), nos textos de literatura infantil, os valores «(...) se pueden encontrar en niveles como los personajes, o las acciones, o los mundos del texto, y ser reducidos a un enunciado determinado que exprese ciertos valores.». Ainda de acordo com Senís (idem, 49), os textos podem encerrar valores que só são claros após um certo trabalho de exegese ou de dedução.

Logo a figura do mediador é fundamental, uma vez que pode contribuir para que a criança efectue leituras mais profundas do texto literário, auxiliando-a nesse trabalho de exegese. Segundo Cerrillo (2007), uma vez que o mediador, na literatura infantil, é normalmente o primeiro receptor da obra, será ele que facilitará às crianças leitoras ideias e caminhos para realizar as suas leituras, possibilitadas pelos textos literários, na medida em que estes encerram uma dimensão plurissignificativa, permitindo à criança leitora diversos níveis de leitura.

Centremo-nos agora nalguns textos de literatura infantil que nos remetem para as questões ambientais, para as questões multiculturais e para as questões políticas. O conjunto de textos que vamos apresentar abarca desde o álbum destinado a crianças mais novas até a contos já para crianças um pouco mais velhas, sendo que por literatura infantil, no contexto deste texto, entendemos textos que podem ser recebidos e lidos por crianças sensivelmente entre os 5 e os 10 anos, tendo obviamente sempre presente que o critério faixa etária não é absoluto.

As questões ambientais configuram-se como uma das grandes preocupações da sociedade portuguesa bem presente nos textos literários para os mais novos. Nos anos 70 já nos surgem textos que abordam os mais diversos tópicos, como a defesa dos animais no seu habitat, a poluição do planeta, o aproveitamento de recursos naturais, a defesa das árvores e de espaços urbanos mais harmoniosos, como é, neste último caso, o texto de Ilse Losa (1976), *Beatriz e o plátano*, com ilustrações de Lisa Couwenbergh, onde se chama a atenção para a importância das árvores no equilíbrio do espaço urbano, «Nesta cidade havia uma rua chamada "Rua do Plátano", porque diante do edifício dos Correios se erguia um plátano enorme, de tronco tão grosso que não chegavam três pessoas para o abraçar, e de copa tão farta que se podiam abrigar da chuva ou do sol mais de cem pessoas.» (Losa, 1976:8).

Ao longo dos anos 80, 90 e nos primeiros anos do século XXI, o tema ambiente marcará uma presença inequívoca nos textos literários para os mais novos, apresentando os mais diversos tópicos. Como já afirmámos noutra lugar (Balça, 2002), este tema é um dos mais explorados e omnipresente na literatura infantil portuguesa das últimas décadas.

Deste modo, nos anos 80, Maria Alberta Menéres (1981) publicou o livro de histórias *O ouriço-cacheiro espreitou 3 vezes*, com ilustrações de António Modesto, onde através das aventuras vividas pelas crianças e pelo seu amigo ouriço-cacheiro se coloca em ênfase o tópico do conhecimento dos animais no seu habitat. Nesta obra, nomeadamente nas duas primeiras narrativas, as crianças leitoras encontram inúmeras informações sobre a vida e o habitat dos ouriços-cacheiros «Disfarçadamente, fui perguntando coisas acerca dos ouriços-cacheiros. Soube que são mamíferos e que não são todos iguais uns aos outros: há umas 15 espécies espalhadas pela Europa, Ásia e África. Mas todos eles têm picos! Comem caracóis, insectos, vermes, ratos dos campos e até víboras. Ah, é verdade: e frutos silvestres. Por agora, era quanto me bastava saber.» (Menéres, 1981:16).

Nos anos 90 veio a lume uma narrativa de Natércia Rocha (1992), *Um gato sem nome*, com ilustrações de Michele Iacocca, premiada com o “Prémio O Ambiente na Literatura Infantil”. Neste texto a defesa dos animais domésticos é o tópico abordado, visto que uma criança oferece diferentes animais à sua família, consoante as pessoas habitem num apartamento ou numa quinta, alertando para a forma como estes animais devem ser tratados e para o tipo de espaço onde devem viver «Vivo na quinta da Leonor (...). Encontro árvores por todos os lados, mesmo à espera que eu alce a perna quando sinto necessidade. Aparecem bichos de todos os tamanhos para me desafiarem a caçá-los ou a brincar com eles. Dou grandes passeios com a Leonor e nem vocês imaginam os cheiros novos que descobri. Tudo tão diferente da casotinha de vidro de onde a Cláudia me tirou!» (Rocha, 1992:28).

Já em pleno século XXI, é publicado o texto de António Mota (2003), *O sonho de Mariana*, com ilustrações de Danuta Wojciechowska, onde, através de um passeio em cima de um pássaro mágico, as personagens mostram às crianças leitoras o percurso de um rio, da nascente à foz, chamando a atenção para os diversos usos que o homem faz das águas dos rios, como a pesca, a rega, a produção de energia eléctrica «- Aqui, os homens construíram uma barragem (...). – Para que haja água para regar os campos. E para produzir a electricidade que vai ter a nossas casas.» (Mota, 2003). O texto icónico desta obra revela-se complementar, na medida em que alarga os horizontes da criança leitora em relação ao tema presente no texto literário, já que permite, aos leitores mais novos, tomar contacto com o ciclo da água.

A leitura destes textos literários permite e potencia nas crianças o despertar de uma consciência ecológica, mas também económica, social e política, preparando-as progressivamente para a tomada de atitudes e de decisões responsáveis sobre os problemas do meio.

As questões multiculturais configuram-se como uma das grandes preocupações da sociedade actual à escala planetária e estão bem presentes nos textos literários para os mais novos. Assim, a leitura destes textos literários pode promover nas crianças a capacidade de distinguir entre a sua perspectiva e a perspectiva do Outro, uma vez que o conhecimento do Outro, da sua cultura, dos seus costumes, das suas regras de conduta, das suas opções religiosas ou sexuais, permitirá certamente que elas possam desenvolver atitudes de alteridade para com os indivíduos.

Deste modo, em 1974 vem a lume *O elefante cor de rosa*, de Luísa Dacosta, com ilustrações de Armando Alves, que nos narra a morte lenta de um planeta, algures perdido no espaço, habitado por elefantes cor de rosa, em que o único sobrevivente acaba por vir para o planeta Terra, montado na cauda de um cometa. Neste conto, o elefante cor de rosa empreende uma viagem, em busca de outro local para viver e também em busca do Outro. Este Outro é em primeira instância um cometa, generoso, solidário, que transporta o nosso elefante até à Terra, onde o Outro é agora simbolizado pelas crianças. Na verdade, notamos neste texto a disposição no protagonista para descobrir o Outro e nas crianças a vontade de o acolher, revelando-se deste modo um conto onde as questões multiculturais são já uma realidade.

Nos anos 80, é publicada a obra *A árvore* (1985), de Sophia de Mello Breyner Andresen, cujos dois contos transportam as crianças leitoras até ao mundo oriental, mais concretamente até às ilhas japonesas. Nestes textos são apresentados os usos e costumes, formas de pensar e de agir que eventualmente caracterizam o povo japonês «Os japoneses têm um grande amor e um grande respeito pela Natureza e tratam todas as árvores, flores,

arbustos e musgos com o maior cuidado e com um constante carinho. (...) E como são um povo muito inteligente os japoneses trabalham muito bem, muito depressa e com muito esmero e são óptimos carpinteiros.» (Andresen,1985). Deste modo, estes dois textos permitem às crianças leitoras conhecer um pouco melhor outros povos, outras realidades, potenciando mesmo uma atitude de descoberta em relação, neste caso, à cultura oriental.

Em 1990, vem a lume o texto de José Fanha, *A porta*, com ilustrações de José Paulo Ferro, desenvolvendo-se a acção à volta de um mundo imaginário, possível e diferente – uma casa fantástica, na qual todos os objectos podem mudar de sítio, conforme os desejos das personagens e onde de palpável só existe a porta, que dava para sítio nenhum. Neste mundo coabitam, juntamente com o casal, dono da casa, e com o Grande Espinafre, uma personagem insólita, uma princesa e uma bruxa. Todas as personagens apresentam características muito diferentes, mas todas convivem harmoniosamente e se entre ajudam, numa clara alusão ao respeito mútuo e à aceitação da diferença «Acabaram por ficar os dois encantados com esta casa, ou, melhor dizendo, com esta porta, porque através dela vieram conhecer um mundo novo e diferente.» (Fanha, 1990:12).

Já em 2005, de Alice Vieira, com ilustrações de André Letria, surge o texto *A fita cor de rosa*, que toca uma questão cara a esta autora, que é o problema da velhice. Neste texto está espelhado o tópico da discriminação etária ou seja conhecer e aceitar o Outro passa, na sociedade actual, também por aprender a conhecer, compreender e aceitar as etapas da vida que o ser humano atravessa, respeitando-as na sua especificidade. As narrativas, que abordam este problema da condição humana, podem porventura contribuir para a formação nos mais jovens de uma consciência humana e social em redor destes problemas da sociedade contemporânea, caracterizada pelo egoísmo, pela falta de tempo para o Outro, pelo abandono daqueles que deixaram de ser, aparentemente, válidos.

Assim, neste texto de Alice Vieira, encontramos uma pessoa idosa, a Bisa, que vive com a sua família, nomeadamente com dois bisnetos. A Bisa de vez em quando saía de casa, com a sua dama de companhia, o que intrigava os seus bisnetos. Um dia, as crianças resolveram segui-la e descobriram que a Bisa ia ao Museu do Brinquedo<sup>5</sup>, onde voltava à sua infância. Neste texto, a personagem idosa está perfeitamente integrada na família, que trata dela, que a ama, e que a respeita nos seus devaneios, característicos desta faixa etária «A Bisa tinha já vivido muitos anos, baralhava as histórias que contava, e Ana Luz não entendia algumas coisas que ela dizia. A Mãe sorria e murmurava que era assim mesmo, que a Bisa vivia num mundo diferente e era feliz assim.» (Vieira, 2005).

As questões políticas, naturalmente prementes aquando do 25 de Abril de 1974, podem ser sentidas em textos de literatura infantil ainda antes da Revolução, nomeadamente em narrativas como *O soldado João* de Luísa Ducla Soares (1973)<sup>6</sup>, que na edição de 2002 tem ilustrações de Dina Sachse. Neste texto podemos encontrar o tópico da paz, que na época era um anseio da

---

<sup>5</sup> A obra de Alice Vieira, *A fita cor de rosa* (2005), insere-se na colecção «Museus para contar e encantar», editada pela Câmara Municipal de Sintra, onde escritores e ilustradores aceitaram o desafio de escrever / ilustrar um conto sobre cada museu do concelho. O conto de Alice Vieira pretende iluminar o Museu do Brinquedo, situado justamente na vila de Sintra.

<sup>6</sup> Embora o texto de Luísa Ducla Soares, *O soldado João* seja de 1973, não tivemos acesso a essa edição, pelo que usámos a reedição de 2002.

sociedade portuguesa<sup>7</sup>, mas que actualmente permanece, infelizmente, na ordem do dia, num mundo cada vez mais globalizado e com conflitos armados em vários países do globo. O soldado João, que no texto icónico surge aos olhos da criança leitora como uma triste figura, ridícula mas ainda assim cómica, não aprendeu que “a guerra é para matar”, anda a empatar a guerra, pois nas suas mais diversas funções, desde soldado atirador a corneteiro, passando por cozinheiro e enfermeiro, ele promove a concórdia e a harmonia entre os povos inimigos, até que «Então o incrível aconteceu. (...) Como era noite, acharam que já passara o tempo da guerra, apertaram as mãos e partiram em paz» (Soares, 1973). Deixamos ainda como nota o facto de que o soldado João regava cravos e «Trazia uma flor ao peito (...)», facto este iluminado também no texto icónico<sup>iii8</sup> e que antevê, de algum modo, um ano antes da Revolução de 25 de Abril de 1974, as flores, nomeadamente os cravos vermelhos, como símbolo dessa Revolução, colocados na época nos canos das espingardas dos soldados e nas lapelas dos civis.

Vários outros tópicos podem ser encontrados nos textos de literatura infantil decorrentes das questões políticas como a democracia, a liberdade, a liberdade de expressão, a união entre todos.

De novo, as questões políticas estão presentes nos textos de literatura infantil nas últimas décadas. Assim, em 1977, é publicado *O trono do rei Escamiro*, de António Torrado, com ilustrações de Carlos Barradas, onde o poder absoluto é simbolizado pelo rei e pelo seu trono, deixando o texto icónico divisar um poder longe dos cidadãos, uma vez que o trono está em cima de um estrado, e é nele que o rei se senta, não para ouvir o povo, pois não há referência a ele, mas para receber «(...) a corte, os ministros, os embaixadores e gente assim.». (Torrado, 1981:2)

Ora um dia, uma das pernas do trono cedeu e será o aprendiz de carpinteiro (e não o carpinteiro real), símbolo do povo, que vem arranjar o trono, serrando-o até que o mesmo ficou sem pernas. O rei Escamiro Ramiro «Passou a sentar-se num banco igual aos outros» (Torrado, 1981:14), para receber os seus súbditos. O texto icónico deixa-nos ainda vislumbrar um rei cómico, bonacheirão, que aceita de bom grado sentar-se num banco, uma vez que mandou fazer um baloiço, para as crianças, com o que restava do trono.

Assim, neste texto encontramos simbolizado o poder do povo, capaz de derrubar poderes autocráticos, e de levar à implantação de regimes democráticos, onde valores como a igualdade terão de ser cada vez mais uma realidade.

Nos anos 90, com ilustrações de Teresa Dias Coelho, José Jorge Letria (1990) publica a colectânea *Pelo fio de um sonho*, duplamente galardoada com o “Prémio Literário de Sintra Ferreira de Castro” na modalidade de Literatura Infanto-Juvenil e com o “Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças”, na modalidade Prémio de Livros para Crianças. Nesta colectânea, várias narrativas podem levar as crianças leitoras para o mundo das questões políticas, com tópicos como a liberdade, e mais concretamente a liberdade de expressão. Nestas narrativas, demonstra-se como a liberdade é temida pelos

<sup>7</sup> Recordamos apenas que em 1973, quando o texto *O soldado João* foi publicado, Portugal estava envolvido na Guerra Colonial em África.

<sup>8</sup> Não podemos deixar de referir que, embora o texto seja de 1973, a obra que consultámos é uma reedição de 2002, pelo que a menção à flor no peito do soldado João ser anterior à Revolução de 25 de Abril de 1974 é apenas válida para o texto verbal e não para o texto icónico.

poderes estabelecidos e a perseguição, sofrida por aqueles, que se atrevem a lutar por ela. No texto «O céu das coisas inventadas», o cronista do rei é perseguido e preso nas masmorras do castelo, por ordens do próprio rei, quando resolve escrever o que lhe apetece e não o que lhe mandam «Se estava ao serviço de um poder, tinha que fazer crónicas à medida do poder que servia.» (Letria, 1990:15); em «O sonhador, Rita e o escritor», um indivíduo sonhador é considerado perigoso, na sociedade onde está inserido, porque a sua função “é sonhar e fazer com que os outros sonhem”, sendo por isso banido por e dessa mesma sociedade. De facto, o poder estabelecido teme sempre aqueles que fantasiam, aqueles que idealizam um outro mundo, aqueles que podem pôr em causa verdades, condições, valores adquiridos, muitas vezes perseguindo-os e votando-os ao ostracismo.

Em 2001, João Pedro Mésseder publica o álbum *Timor Lorosa'e. A ilha do sol nascente*, com ilustrações de André Letria, onde mais uma vez as questões políticas estão bem presentes, decorrentes agora da situação vivida, ao longo das últimas décadas do século XX, em Timor Leste, e da visibilidade que esta situação adquiriu à escala mundial, tendo-se reflectido particularmente na vida portuguesa.

Retratando uma situação real e histórica, neste texto encontramos presente a luta de um povo contra um outro que o oprime, o persegue e o mata. Este texto transporta até aos pequenos leitores tópicos como a liberdade ou a paz, uma vez que “um pequeno povo”, o povo timorense, com o auxílio de soldados enviados por “alguns senhores que governam o mundo”, fizeram sair “os soldados do mal”, os soldados indonésios, da “terra cor de sangue”. Com a liberdade e a paz, o pequeno povo timorense «Do nada recomeçaram então a construir um país novo. E o sol voltou a nascer.» (Mésseder, 2001). Interessante neste álbum é também o texto icónico, onde a cor da terra pode ser o verde, o amarelo e o vermelho, símbolos da vida que recomeça. As cores vermelha e azul escura estão associadas à guerra, à morte, ao mal, à noite «(...) que parecia longa, tão longa como a morte.» (Mésseder, 2001).

A leitura de textos literários permite que as crianças tomem consciência de questões quotidianas, que caracterizam o governo e a administração das sociedades coetâneas. As questões políticas, que estes textos encerram, configuram-se como essenciais numa sociedade que trilha o caminho da democracia, preparando as crianças para o convívio com as liberdades civis, os direitos humanos e os direitos sociais, de modo a, no futuro, estarem aptas para a tomada de decisões a nível político e para a participação na vida pública.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste texto procurámos identificar e perceber quais os temas emergentes na literatura de potencial recepção infantil portuguesa, por volta dos anos 70, possíveis de serem abordados pelas condições políticas, sociais e culturais que despontaram com a Revolução de 25 de Abril de 1974. Passados 30 anos sobre este acontecimento marcante na vida portuguesa, estes temas atravessaram este período temporal e consolidaram-se nos textos literários para os mais novos, sendo hoje uma realidade.

As temáticas ambientais, multiculturais e políticas, eventualmente com outros contornos, continuam a marcar as inquietações da sociedade

contemporânea, à escala global, pelo que os mais jovens não podem ficar alheios a estas realidades.

A literatura de potencial recepção infantil, porque não é inocente, mas sim fruto de um autor, de uma época, de uma sociedade, encerra uma responsabilidade formativa, ao nível literário e estético, mas igualmente ao nível social e ético. Deste modo, não será estranho constatar a vitalidade e a constância destas temáticas, nos textos literários para crianças, ao longo destes anos.

Com este texto pretendemos igualmente dar uma panorâmica, ainda que muito breve, de algumas obras de potencial recepção infantil, de autores/ilustradores portugueses, que marcaram os planos literário e estético, para os mais novos, nos últimos 30 anos, em Portugal. Estas últimas três décadas, marcadas pela Democracia por um lado e por outro por fortes preocupações com a infância, com a escolarização dos mais novos e com a assunção do papel indispensável da leitura como meio de formação intelectual, condutor ao sucesso profissional e pessoal, originaram um enorme crescimento, quer em número quer em qualidade nas obras de literatura para os mais novos. Neste texto, assinalámos apenas alguns títulos, determinados autores e outros tantos ilustradores, certas de que eles poderão abrir a porta, para uma maior divulgação e um maior conhecimento da literatura infantil portuguesa actual.

### Obras Citadas

- Balça, Ângela (2002), "A narrativa infanto-juvenil como meio de promover uma educação ambiental." In M. Costas (ed). (2002) *Narrativa e promoción da lectura no mundo das novas tecnoloxías*. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia Ed., pp. 287-292.
- Balça, Ângela (2004), *A finalidade educativa das narrativas infanto-juvenis portuguesas actuais*, Dissertação de Doutoramento, Departamento de Pedagogia e Educação, Évora, Universidade de Évora.
- Bravo-Villasante, Carmen (1989), "Nuevas corrientes de la literatura infantil." In Carmen Bravo-Villasante (ed.) (1989), *Ensayos de literatura infantil*. Murcia, Universidad de Murcia, pp.73-84.
- Cerrillo, Pedro (2007), "Literatura infantil y mediación lectora." In Eloy Martos (ed.) (2007), *Lectura y Universidad*, Universidad de Extremadura Ediciones, pp. 5-11.
- Jan, Isabelle (1985), *La littérature enfantine*. Paris, Les Éditions Ouvrières Dessain et Tolra
- Rocha, Natércia (2001), *Breve história da literatura para crianças em Portugal. Nova edição actualizada até ao ano 2000*. Lisboa, Editorial Caminho
- Senís, Juan (2004), "Textos con necesidades críticas especiales. Propuesta para el estudio de valores en los libros de Lengua de Primaria." In Santiago Yubero (ed.) (2004), *Valores y lectura. Estudios multidisciplinares*. Cuenca, Universidad Castilla-La Mancha, pp.39-64.
- Yubero, Santiago (2007), *Una vuelta al mundo de los valores en 80 libros*, Cuenca, CEPLI, Universidad Castilla-La Mancha
- Zilberman, Regina (1987), *A literatura infantil na escola*. S. Paulo, Global Editora

**Textos de Literatura Infantil**

Andresen, Sophia (1985), *A árvore*. Porto, Figueirinhas

Dacosta, Luísa (1974), *O elefante cor de rosa*. Porto, Civilização

Fanha, José (1990), *A porta*. Quetzal

Letria, José Jorge (1990), *Pelo fio de um sonho*. Sintra, Câmara Municipal de Sintra

Losa, Ilse (1976), *Beatriz e o Plátano*. Porto, Asa

Menéres, Maria Alberta (1981), *O ouriço-cacheiro espreitou três vezes*. Porto, Asa  
Mésseder, João Pedro (2001), *Timor Lorosa'e. A ilha do sol nascente*. Porto, Ambar

Mota, António (2003), *O sonho de Mariana*. Vila Nova de Gaia, Gailivro

Rocha, Natércia (1992), *Um gato sem nome*. São Paulo, Melhoramentos

Soares, Luísa Ducla (2002), *O soldado João*. Porto, Civilização

Torrado, António (1981), *O trono do rei Escamiro*. Lisboa, Plátano

Vieira, Alice (2005), *A fita cor de rosa*. Sintra, Câmara Municipal de Sintra